

O ÍNDICE BÁRICO DOS CRIMINOSOS PORTUGUESES

POR

ALNALDO ROZEIRA

A quando da I Exposição Colonial Portuguesa fiz uma pequena nota para o primeiro Congresso Nacional de Antropologia Colonial sôbre o índice bário dos indígenas das Colônias, e comparei-os com os resultados obtidos por mim para os portugueses, em militares e criminosos, tendo-me cedido as séries respectivamente o Dr. A. Ataíde e Prof. Luís de Pina.

O valor calculado para esta última série, era um valor extremamente elevado, 1,50, e por isso pedi autorização a êste professor para fazer observações em criminosos portugueses na Cadeia Civil do Pôrto, pois as observações com que trabalhei foram colhidas em reclusos que já estavam há muito tempo detidos.

Gentilmente me deu a autorização pedida, o que mais uma vez agradeço, aproveitando a ocasião para agradecer também a todos que no Pôsto Antropométrico da Cadeia me ajudaram principalmente ao Sr. Mário da Costa Cabral, mensurador dactiloscopista daquela repartição, pois graças a êle pude fazer as minhas observações com tôda a facilidade. A todos renovo mais uma vez o meu agradecimento.

As minhas observações foram feitas sôbre 308 criminosos do sexo masculino, que eram medidos o mais tardar 8 dias depois de terem dado ingresso na cadeia, pois tôdas as semanas colhia as medidas necessárias nos indivíduos que tinham entrado durante êsse tempo.

Já noutro lugar me referi aos resultados que obtive para o pêso e estatura, e correlação entre êstes dois caracteres ⁽¹⁾ nas séries medidas pelo Prof. Luís de Pina, pelo Dr. A. Ataíde e por mim, não tendo encontrado diferenças estatísticas entre elas, a tal ponto que, juntando-as, obtive para as três séries a estatura em cm. igual à calculada pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. Eusébio Tamagnini em 11.657 portugueses.

Vemos, portanto, que a estatura não varia no português criminoso ou não criminoso, o que aliás seria de esperar, pois os novos horizontes rasgados à Antropologia Criminal estão bem longe dos que Lombroso lhe admitia, quando num labor enorme procurava a «raça» de criminosos, tendência ainda hoje seguida por muitos, que amontoando casos sôbre casos só conseguem demonstrar... que ainda não conseguiram encontrar o tipo do criminoso. Não conseguiram, nem conseguem, pois que como muito bem mostra o Prof. Mendes Corrêa no seu livro *A Nova Antropologia Criminal* o crime depende de muitos factores, e os ambientais não são dos que menos influem para que um homem honesto, estruturalmente honesto, a quem o crime repugna, se possa tornar um criminoso.

Vervaeck, no seu livro *Le Applicazioni Pratiche della Antropologia Criminale* ⁽²⁾ aonde afirma que há-de encontrar o tipo antropológico do criminoso belga, separa os indivíduos observados em vários grupos, e dum dêles diz «...gli altri alle soli influenza sociale — che possono far dun uomo sano e fino allora um criminale». E para radicar mais esta idéia no espírito do leitor continua: «Non diviene criminali chi vuole: e si sono delinquenti per passione, per occasione, o per bisogno, senza che fossero pre-

(1) *Correlação entre a estatura e pêso nos criminosos e militares portugueses.* «Trabalhos da Associação da Filosofia Natural», vol. 1, fasc. 2.º, 1935.

(2) Torino — Fratteli Broca, Ed.

disposti al delitto dal tare fisiche e personali loro e dei loro parenti, certo questi criminali potranno sempre aspirare alla rigenerazione morale e sociale al contrario degli altri sui quali l'eredità stende la pesante e ineluttabile fatalità».

Por aqui podemos ver que, mesmo os mais convencidos da existência dum tipo criminal fatalmente levado ao crime pelas taras, pela hereditariedade, pelos instintos maus tão fortes que não lhes permitem seguir o bem, acreditam que nem todos os que caem sob a alçada da lei penal são criminosos, e que é muito difícil conseguirmos saber quais são os «verdadeiros» criminosos. A nomenclatura criada para podermos distinguir uns dos outros é muito rica em termos que são difíceis de definir, como os de criminosos ocasionais, criminosos passionais, etc.

Por tudo isto, podemos concluir que, se com milhares de observações ainda se não conseguiu encontrar o tipo biológico do criminoso, é lógico admitir que é essencialmente um ser atípico.

Vervaeck, liga ainda grande importância à estatura, e diz: «La statura è un indice costituzionale, dei più certi del valore biologico del individuo e si possono sovente, per suo mezzo, ricostituire le tare e le deficienze che infrascono l'eredità individuale», e mais adiante continua «l'organizzazione biologica dei delinquenti differisce dalla normale e le è inferiore».

Tanto nas séries que eu estudei, como na série estudada pelo Prof. Mendes Corrêa, de 1.100 criminosos ⁽¹⁾, a estatura média é inferior à média portuguesa. Mas, na correlação que calculei e publiquei noutro trabalho, não há diferenças estatísticas, e por isso devem ser as condições ambientais, como por exemplo o facto de na sua maior parte os criminosos estudados pertencem

(1) MENDES CORRÊA — *Criminosos Portugueses*. Coimbra, 1914.

cerem a uma classe social desprotegida, que devem influir neste resultado, bem como a idade, pois nos 312 criminosos que medi, a maior parte não tinha ainda atingido 25 anos. Parece portanto que, o facto de os criminosos terem geralmente uma estatura menor que os não delinquentes, não deve ter a importância que Vervaeck lhe atribui.

Quanto ao pêso, não pude obter termos de comparação, pois, creio eu, em Portugal, fui o único que calculei a média deste carácter. Mas, comparando o índice bórico podemos tirar algumas conclusões sobre êle.

Embora o índice bórico, tenha uma fraca variabilidade (1), o certo é que se têm feito alguns estudos sobre êle, e por isso pude confrontar êstes resultados com os de outros autores.

Se compararmos o índice bórico dos criminosos portugueses com os dos não criminosos, portugueses e estrangeiros, podemos verificar que a variação dêle, nuns e noutros é semelhante.

Só é de lamentar não possuir séries de índice bórico quer de portugueses quer de estrangeiros, que sejam susceptíveis de ser comparadas com as que agora apresento, pois as únicas que me foi dado consultar são as que Giuffrida Ruggeri publicou nos seus trabalhos «L'indice barico in certe sezione di popolazione e nei due sessi» e «L'indice barico — La microbaria della adolescenza, l'allobaria sessuale e proposta di classificazione» em que mostra um labor enorme para demonstrar que êle é um óptimo índice, por nos dar grandes variações quando o grupo de indivíduos observados varia pouco, mas que, por o ter calculado em séries de outros autores, apresenta como média o índice bórico resultante da aplicação da fórmula $\frac{P \times 100}{E^3}$, em que *P* e *E* são respectivamente as médias do pêso e da estatura da série considerada.

(1) ALFREDO ATAÍDE — *A propósito dos índices de corpulência*. Pôrto, 1943.

Ora, segundo as observações feitas por mim, pode ser permitido calcular a média deste índice numa determinada série segundo este critério, só quando as duas séries da estatura e pêso são numerosas e homogéneas, o que nem sempre sucede, pois raro é encontrar-se uma série de pêso, mesmo numerosa, que seja homogénea.

Por Giuffrida Ruggeri ter seguido este critério, mais cómodo por certo, pois permite que trabalhem com observações feitas por outros, as séries que apresenta nos seus trabalhos não têm desvios padrões, por isso é impossível compará-las.

Contudo, à falta de outras, tenho de me servir delas, para poder confrontar os resultados a que chegou o sábio italiano com aquêles que apresento.

Como atrás disse, servi-me de criminosos que tinham entrado na Cadeia Civil do Pôrto há menos de 8 dias, e só meia dúzia, condenados a pena maior, é que já tinham estado reclusos noutras cadeias. Para calcular o índice bórico, servi-me da fórmula que atrás cito, sendo o pêso em gramas e a estatura em cm. Primeiramente juntei tôdas as observações numa só série para calcular o índice bórico geral que é igual a $1,37 \pm 0,005$ com o desvio padrão de $0,15 \pm 0,003$. O índice bórico calculado com as observações do Prof. Luís de Pina era de 1,50.

Como vemos há uma grande diferença entre o índice agora calculado e o que obtive anteriormente. Daqui se pode concluir que, é necessário observar êstes caracteres quando os indivíduos não tenham engordado por estarem demasiado tempo na inacção, como permite o actual regime penal português, pois, passado algum tempo, a inactividade fá-los engordar bastante, de maneira que os resultados das observações vêm mascarados pela gordura adquirida. Vemos pois, que o índice bórico médio para os criminosos portugueses é de 1,37 e não podemos fazer caso das primeiras observações pelas razões apontadas.

Confrontando êstes resultados com os obtidos por Giuffrida Ruggeri, entrando em linha de conta com as devidas reservas pelas razões que atrás expus, que são:

| <i>Delinqüentes filipinos</i> | <i>Estat.</i> | <i>Pêso</i> | <i>Índ. bár.</i> |
|-------------------------------|---------------|-------------|------------------|
| 3 séries de Bikol | 158,6 | 54,4 | 1,35 |
| 12 > > Bisaya | 159,0 | 52,0 | 1,29 |
| 7 > > Tagalog | 160,0 | 53,0 | 1,29 |
| 5 > > Iloko | 160,0 | 52,9 | 1,29 |
| 1 > > Sambal | 161,0 | 54,9 | 1,32 |
| 2 > > Cagayan | 161,5 | 55,9 | 1,31 |
| 1 > > Pampangan | 152,0 | 53,6 | 1,26 |
| 1 > > Pangasinam | 163,0 | 52,9 | 1,22 |
| 100 Italianos | 163,0 | 60,0 | 1,31 |

Vemos que os criminosos portugueses são na sua generalidade mesobárlicos, a seguirmos a classificação proposta por êste autor, e que o índice bário dos criminosos portugueses é superior ao dos italianos e filipinos, e nestes, só os das séries de Bikol são mesobárlicos, mas mesmo assim, com um índice inferior ao dos portugueses.

Para ver se poderia comparar os resultados obtidos por mim, e os obtidos pelo Prof. Luís de Pina no seu trabalho *Tipos Constitucionais e Criminalidade* dividi os criminosos em 5 grupos segundo os crimes cometidos:

- I Grupo — Furto, abuso de confiança, contrabando, falsificação, etc.
- II > Violação, estupro, incesto, etc.
- III > Homicídio voluntário, homicídio frustrado, ofensas corporais, etc.
- IV > Embriaguez, desordem, vadiagem, etc.
- V > Transgressões, etc.

Ê difícil fazermos comparações, porque as percentagens das duas séries são diferentes, pois como disse, o Prof. Luís de Pina mediu criminosos que estavam na sua maior parte há muito tempo reclusos ao contrário dos medidos por mim, de maneira que, na minha série, há uma percentagem maior de indivíduos presos por crimes leves.

As percentagens são:

| | <i>Pina</i> | <i>Rozeira</i> |
|-----------|-------------|----------------|
| I Grupo | 51,5 | 42,6 |
| II Grupo | 7,5 | 4,6 |
| III Grupo | 31,2 | 21,8 |
| IV Grupo | 7,8 | 15,3 |
| V Grupo | 2,0 | 15,7 |

No quadro apresentado pelo Prof. Luís de Pina vem discriminado para cada grupo, o tipo constitucional a que pertencem os criminosos, e juntando-os em dois grupos, Respiratórios e Cerebrais, e Musculares e Digestivos, o primeiro dêstes, deve ter um índice bário menor. Pôsto isto, comparemos as duas séries:

| | <i>R. e C.</i> | <i>M. e D.</i> | <i>Índ. bár.</i> | σ |
|-----------|----------------|----------------|------------------|------------------|
| I Grupo | 123 | 58 | $1,37 \pm 0,012$ | $0,19 \pm 0,008$ |
| II Grupo | 18 | 8 | $1,33 \pm 0,032$ | $0,17 \pm 0,021$ |
| III Grupo | 56 | 53 | $1,38 \pm 0,011$ | $0,13 \pm 0,008$ |
| IV Grupo | 19 | 8 | $1,37 \pm 0,012$ | $0,12 \pm 0,008$ |
| V Grupo | 4 | 3 | $1,32 \pm 0,017$ | $0,17 \pm 0,012$ |

Em todos os grupos dominam os Respiratórios e Cerebrais, principalmente no I, II e IV, no III e V, pode dizer-se que se equivalem. Vemos contudo, que é no I, III e IV Grupos que vamos encontrar a mesobaria. O V grupo é constituído por tão pequeno número de casos, que não me permite tirar conclusões. Só o

2.º grupo é microbárlico. Podemos pois concluir, com as reservas necessárias que os tipos constitucionais não influem no índice bárlico.

Comparando as percentagens, verificamos que na minha série há uma percentagem maior de indivíduos presos por crimes leves, o que seria de esperar pelas razões que atrás aduzo.

Pelo quadro, podemos ver, qual é a variação do índice bárlico segundo a idade:

| <i>Idade</i> | <i>Média</i> | σ | <i>N</i> |
|--------------|--------------|--------------|----------|
| 17 | 1,24 ± 0,018 | 0,08 ± 0,012 | 10 |
| 18 | 1,30 ± 0,073 | 0,36 ± 0,051 | 12 |
| 19 | 1,34 ± 0,002 | 0,11 ± 0,001 | 18 |
| 20 | 1,36 ± 0,006 | 0,03 ± 0,004 | 12 |
| 21 | 1,36 ± 0,031 | 0,19 ± 0,022 | 18 |
| 22 | 1,33 ± 0,022 | 0,13 ± 0,016 | 17 |
| 23 | 1,35 ± 0,026 | 0,19 ± 0,018 | 26 |
| 24 | 1,34 ± 0,017 | 0,11 ± 0,012 | 21 |
| 25 | 1,38 ± 0,031 | 0,22 ± 0,024 | 20 |
| 26 | 1,39 ± 0,023 | 0,11 ± 0,017 | 11 |
| 27 | 1,37 ± 0,024 | 0,13 ± 0,017 | 15 |
| 28 | 1,43 ± 0,023 | 0,13 ± 0,016 | 16 |
| 29 | 1,37 ± 0,025 | 0,12 ± 0,018 | 11 |
| 30 | 1,42 ± 0,027 | 0,12 ± 0,019 | 10 |
| 31 | 1,33 ± 0,036 | 0,15 ± 0,025 | 8 |
| 32 | 1,35 ± 0,016 | 0,06 ± 0,011 | 7 |
| 33 | 1,35 ± 0,035 | 0,17 ± 0,024 | 12 |
| 34 | 1,43 ± 0,025 | 0,08 ± 0,018 | 5 |

Verificamos que aumenta até aos 20 anos, aí estaciona para diminuir dos 21 aos 22. Aumenta novamente dum maneira quasi constante até aos 28 anos, e daí em diante a curva apresenta-se irregular com grandes variações de ano para ano, que devem ser ocasionadas pelo pequeno número de casos da série. Não entrei

em linha de conta com os resultados dos de 16 anos, nem com os de idade superior a 34 anos, porque o número de casos era muito pequeno, só os de 37 anos, eram 10, com o índice bárlico $1,51 \pm 0,045 \sigma 0,20 \pm 0,031$.

A criminalidade por idades também se pode ver que aumenta até aos 23 anos, e que diminui daí em diante dum maneira quasi regular.